

Aborto

Mulheres lutam em ambiente de festa

«Num país que não resolve problema algum e a vida se consome em discussões estéreis, nós somos um pequeno exemplo», considera Maria Antónia Palla. E isto porque aqui se ultrapassaram barreiras, bloqueios, preconceitos políticos: todas se empenharam de igual modo, com a mesma alegria, porque o problema o sentem todas da mesma forma. É a luta pela legalização do aborto que está em causa.

O fundo da questão é penoso, mas o ambiente é de festa: quando todas estão juntas a pintar cartazes, empilhar tarjetas, programar actividades, maravilham-se de uma ser comunitária, outra esquerdista, ou socialista, ou feminista intransigente, ou social-democrata, ou qualquer outra coisa, e a separação não acontece. As associações partidárias desligaram-se do projecto, mas as mulheres estão lá. Na sessão pública de dia 7, às 21 horas no Teatro Aberto, falarão Natália Correia como Zita Seabra, Teresa Ambrósio e Margarida Marques, estará presente Idália Correia como Maria Teresa Horta. Um projecto em que as «linhas duras» da Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto e Contracepção (CNAC) e da Cooperativa Editora de Mulheres (IDM) alinham ao lado do Movimento Democrático de Mulheres e da

revista «Mulheres», com o impulso da Comissão de Mulheres pela Legalização do Aborto e Defesa de uma Maternidade Responsável — onde marcam presença todas as «veteranas», de Maria Antónia Palla a Maria Antónia Fiadeiro, de Lia Gama a Isabel Barreno.

Quarta-feira, estiveram na Assembleia numa acção de sensibilização dos deputados, acompanhada de recolha de fundos, já que subsídios não há. Esta tarde, às 17 e 30, distribuirão tarjetas no Rossio explicando no que se empenham. O caminho já é longo. Maria Antónia Palla recorda: «Em 1977 e 1979 foram entregues na Assembleia da República duas petições para a legalização do aborto, a primeira com cinco mil assinaturas e a segunda com mais de oito mil. Enquanto decorriam o meu julgamento e o da Conceição Massano, foram entregues



Maria Antónia Palla
 Fundo da questão é penoso

também três mil assinaturas de mulheres que afirmavam ter abortado. Nessa altura, tornou-se claro que havia um grande consenso, que transcendia completamente a posição dos partidos: por isso, quando, em 2 de Março, o PCP apresentou o seu projecto, muitos grupos de mulheres começaram de novo a movimentar-se, com distribuições de comunicados aos deputados, e inclusive aquela acção das camisolas. O problema é muito antigo e não pode ser visto só na perspectiva de um partido.»

A população já resolveu

Tratava-se de consciencializar a AR para que o que estava em causa não era a apreciação de um projecto do PCP, mas sim a consideração de um problema vasto, respeitante a muito mais que os 18 por cento do eleitorado comunista.

«É absurdo discutir o aborto do ponto de vista ideológico. Vamos distribuir aos grupos parlamentares um 'dossier' muito volumoso que elaborá-

mos, com todo o material que conseguimos recolher sobre o assunto, para que ao menos se informem a fundo. Senão, o problema vai ser resolvido por pessoas que nada percebem a seu respeito.»

Na opinião das mulheres empenhadas neste processo, a questão há muito que está resolvida a partir da base: o papel dos deputados deveria apenas ser o de enquadrar, com forma jurídica, um problema que a população já resolveu há muito — as cifras anuais de abortos a falarem por si.



Fundação Cuidar o Futuro UMA EXCELENTE IDEIA

Encontro de Coros Amadores

Para levar a música onde as pessoas estão

Amanhã à noite, no Coliseu: irá a noite adiantada quando se juntarem todas as 1900 vozes que durante mais de um mês parceladamente cantaram, para entoar solenemente o Canticorum Jubilo, de Häendel. Assim encerra o 5.º Encontro de Coros Amadores da Área de Lisboa, teimosias da música em plena expansão.

Os coros são cinquenta no total, não contando com o grupo espanhol convidado, o Coro Universitário Virgem do Loreto, de Madrid. Antes da música de Häendel fechar o encontro terão já entoado «O menino nas palhas», «Ave Maria», «O Rocks d'ont fall on me», «March on», «Senhora de Aires», «Poder e Providência de Deus», muitas das dezenas de peças que, desde 7 de Maio, têm vindo a cantar pelas igrejas de Lisboa em concertos de cinco grupos cada. Os bilhetes são gratuitos: o ano passado, o Coliseu teve que fechar as portas para não deixar entrar mais ninguém. Quando os coros cantam na Igreja de Arroios, os seus dois mil lugares enchem: «juntarem-se duas mil pessoas para ouvir música não é muito frequente em Portugal», lembra um dos organizadores.

O «boom» de coros é recente: em 1978, quando deu os seus primeiros passos o núcleo embrionário da Associação de Coros Amadores da Área de Lisboa, eram pouco mais que meia dúzia na zona abrangida. Hoje são uma centena. O primeiro coro de empresa formou-se em 1971: hoje, pululam. «E são uma actividade tão saudável, pela eficácia com que combate o «stress» e pelos laços de amizade que cria entre as pessoas, que de certeza que as entidades patronais a apoiariam mais, se se apercebessem disso.»

Porque os apoios não existem, as dificuldades financeiras são grandes. «Se não fosse

tudo tão gratificante, do ponto de vista humano, já há muito que teríamos desistido.»

Gratificante é o entusiasmo dos que cantam e a receptividade dos que ouvem. «Temos feito espectáculos fora das salas, na estação do Rossio, do Jardim da Estrela, para levar a música onde as pessoas estão. E temos sempre grandes audiências.»

A iniciativa partiu, em 1978, do então presidente da Junta de Freguesia da Sé: coralista, teve a ideia de reunir num encontro os coros que cantavam em Lisboa. Deste movimento viria a nascer, em 1980, a Associação — e a sua actividade vai num crescendo.



Sinceramente, aqui estamos a felicitá-lo pela sua excelente ideia. E, também, a agradecer-lhe a sua preferência pela TOYOTA HI-LUX. Aliás, não foi por acaso que a TOYOTA alcançou, em 1981, o 1.º lugar no volume global de vendas de «comerciais» no nosso País. E, para essa vitória espectacular, foi muito importante a contribuição da HI-LUX.

A sua vida tornou-se agora mais fácil - mais agradável. Você passou a ter como aliados o PODER DO MOTOR DIESEL, A ECONOMIA DIESEL E A «PERFORMANCE» DIESEL... além dos travões de disco à frente. TOYOTA HI-LUX tem grande capacidade de carga e o máximo conforto para quem conduz. É durável, de fácil manejo em qualquer tipo de trabalho, vai onde você quer e até colabora no seu fim-de-semana.

TOYOTA HI-LUX vai... vai... e volta



A GRANDE VANTAGEM DE SER TOYOTA

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S.A.R.L. CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

GRANDE CIRCUITO ITALIANO

1982 - 80º Centenário do nascimento de S. FRANCISCO DE ASSIS

9 DIAS

PARTIDAS:

JUN.	05, 19 e 26
JUL.	03, 10, 17, 24 e 31
AGO.	07, 14, 21 e 28
SET.	04, 11, 18 e 25
OUT.	02, 09, 16 e 23

VISITANDO:

ROMA - ASSIS - FLORENÇA
 PÁDUA - VENEZA - MILÃO - PISA

INFORMAÇÕES E RESERVAS

DESDE 1980

obreu

LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
 LISBOA Avenida de Roma, 85 Tel. 853009
 PORTO Avenida dos Aliados, 207 Tel. 317821
 PORTO R. Eug. Castro 756 (Foz) Tel. 691086
 COIMBRA Rua Sora, 2 Tel. 2701178
 FARO Avenida da República, 124 Tel. 26259/6
 FUNCHAL Rua Gonçalves, 1 Tel. 31077/8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS



Mundial de Futebol

Brasil arde, arde na "febre dos 29 dias"

Edite Soeiro

Portugal foi a última escala do futebol brasileiro antes do «assalto» ao título mundial que se joga em Espanha. No Hotel do Guincho, durante sete dias transformado em intransponível «fortaleza brasileira», os craques retemperam forças, sossegam o espírito. Longe das visitas de todos. Jornalistas incluídos.

Ali, à beira do mar, apenas os 22 jogadores e os 18 dirigentes da mais favorita entre as favoritas seleções concorrentes ao Campeonato do Mundo de Futebol de Espanha. E quem os quis ver, ou com eles bater um papo, teve de se deslocar, primeiro ao aeroporto, depois aos gramados onde os «canarinhos», treinando, procuram manter a condição ideal.

Ainda sem título na mala, apenas chegada a Portugal, num «DC-10» fretado exclusivamente para as deslocações do «escrete» durante os próximos 29 dias, a caravana brasileira viu-se logo envolvida pela euforia. Das larguíssimas centenas de pessoas que estiveram na Portela com bandeiras e tambores, pandeiros e reco-reco, vivas e palmas. Euforia transformada, horas depois, em curiosidade, com olhos atentos vendo os craques evoluírem no gramado, durante o primeiro treino realizado no estádio do

cruzam e descruzam. Troncos que se erguem e que se baixam. Uma, duas, três, dez vezes. Consecutivamente. Obedientes, os craques repetem os exercícios com grande disciplina. A mesma que vão patentear nas corridas à volta do relvado, brandas primeiro, aceleradas, depois. Camisolas bem suadas, vem o vater da bola. Não em jogo-jogado, mas em remates à baliza, onde brilham Valdir Peres, Carlos e Paulo Sérgio, defendendo remates «mal-intencionados», sobretudo de Zico, Falcão e Cerezo. Tudo isto feito com alegria, com comentários jocosos ou incitamentos ao mau e bom remate por parte dos que integram os trabalhos. Sente-se como que uma euforia...

Telé Santana: «o fio da esperança»

Euforia que os brasileiros confiam poder viver, intensamente, lá mais para diante, quando, em 11 de Julho, no Estádio Santiago de Bernabéu, tiver soado o último apito do árbitro, e o título for seu.

Título em que todos acreditam desde que, em 17 de Fevereiro de 1980, Telé Santana da Silva, 49 anos de idade, um mineiro nascido na pequena cidade de Itabirito, conhecida pela sua riqueza em ferro, assumiu a orientação do seleccionado do Brasil, com vista ao Campeonato do Mundo de Espanha. Poucas vezes — dizem os entendidos — na história do futebol brasileiro aconteceu que a torcida (exigente até mais não) se manifestasse tão tranquila em relação ao «seu» plantel. E a razão fundamental desse clima está no responsável pela selecção, um homem que, ao assumir o seu cargo, trouxe consigo «a mesma seriedade profissional que caracterizou a sua carreira de futebolista», iniciada em 1949, como integrante da equipa de juvenis do Fluminense.

Nessa altura, Telé Santana tinha apenas 17 anos e era extremamente frágil (1,71 de altura para 57 quilos), mas tinha uma grande qualidade: marcava golos. E quando no seu jogo de estreia fez os cinco tentos com que o seu clube derrotou a do Everest, conquistou um cognome: «o fio da esperança».

Convidado por Giulite Coutinho, presidente da Confederação Brasileira de Futebol, para substituir o falecido Cláudio Coutinho na orientação do seleccionado brasileiro, Telé Santana lançou mãos ao trabalho. Um trabalho em que, desde sempre, se incluiu uma preocupação muito grande: a de evitar que a euforia excessiva contagiasse a torcida e, por tabela, os jogadores presentes no Mundial. «Nós — afirma ele — não estamos na selecção por diversão. Tão pouco para demonstrar ou convencer o mundo de que sabemos jogar. O mundo está lá fora e nós estamos



Zico e Sócrates. Dois estilos para uma mesma ambição



Valdir Peres defende remate de Falcão sob as vistas de Telé. Uma preparação «muito dura»

a qualidade do futebol brasileiro. Por isso a nossa missão é lutar e dar aos 22 jogadores a oportunidade de jogar e ganhar.»

Não se pense, entretanto, que Telé Santana vive obcecado pela vitória no «Mundial» de Espanha. É ele quem afirma, ao ser confrontado com a hipótese de o Brasil não ganhar a sua quarta «Copa»: «Para o Brasil não é questão de vida ou de morte ser campeão. Conquistámos três títulos e a torcida confia que obtemos o quarto. Mas se não puder ser em Espanha... será na Colômbia. Apesar deste estado de espírito, posso garantir que o Brasil não teme qualquer selecção presente no Mundial. Para nós, o importante é contar com campos em boas condições e arbitragens correctas.»

Futebol é alegria

Mas Telé Santana não trouxe apenas consigo os «craques», na medida em que os próprios especialistas consideram que, com ele, se tem vindo a assistir «à rebrasilização do futebol brasileiro», o que, dito de outro maneira, significará que a criatividade genial dos seus executantes tem vindo a ser recuperada. Quer dizer, com Telé Santana ter-se-á saltado para um estilo que, sem esquecer a importância da condição físico-atlética, privilegia também esse manancial de arte, improvisação e imprevisível que nasce com o futebolista brasileiro.

Isto mesmo é confirmado pelas palavras de Telé Santana, segundo o qual o jogador deve estar sempre «em óptimas con-

dições físicas», mas que deve também «ser um técnico». «Porque — acrescenta — o futebol, antes de tudo, é arte, e quem o sabe jogar bem tem todas as vantagens sobre aqueles que querem fazê-lo mas não o sabem.» Daí o «futebol alegre» que procurou implantar na representação brasileira, um futebol, em sua opinião, essencialmente ofensivo, de modo a poder retirar o máximo proveito da habilidade e da técnica dos seus integrantes, aproveitando, ao mesmo tempo, as falhas dos adversários.

Esta filosofia de jogo parece estar a colher frutos. Pelo menos, nos 31 jogos disputados desde que Santana é seu responsável, a selecção brasileira perdeu apenas dois (URSS e Uruguai, o primeiro no Rio de

Janeiro, em 15 de Junho de 1980; o segundo em Montevideo, a 10 de Janeiro de 1981). E os 74 golos marcados contra os 18 sofridos sugerem alguma coisa sobre o valor de uma equipa que, segundo os entendidos, tem os seus «intocáveis», isto é, aqueles que nela estão de pedra e cal.

Galeria dos «intocáveis»

É o caso, por exemplo, de Zico, um superdotado para o futebol em que muita gente, quando ele surgiu, procurou ver o «Pelé Branco», e que, hoje, toda a torcida considera como o melhor jogador do país e a principal figura do plantel que disputará o Mundial. Aos 29 anos de idade (nasceu em 3 de Março de 1953), autor de mais de 500 golos, Zico, sem a genialidade de Pelé, demonstra entretanto que a força aliada ao talento impõe um grande jogador.

São os casos, também, de Junior, um defesa lateral esquerdo de quem se diz que ficará nas «bocas da Europa»; de Toninho Cerezo, um médio de influência decisiva na estratégia de Telé Santana, que não participará na jornada inaugural, frente à URSS, por estar castigado. E Lusinho, o «zagueiro» central de apenas 23 anos mas grande maturidade futebolística. E há Serginho, segundo os críticos dos mais perigosos pontas-de-lança, e «que vai dar que falar»; os «europeus» Paulo Roberto Falcão, que deixou o seu clube italiano, o Roma, para integrar os trabalhos da selecção; e Dirceu (do Atlético de Madrid); e Sócrates, «o símbolo da preparação física do seleccionado»...

Mas intocáveis, talvez sejam todos os escolhidos. Porque no Brasil, em futebol, difícil será optar... Daí, as referências, ainda, a Edler, o da «patada



Falcão, o «Rei de Roma», entusiasma a torcida. É um dos intocáveis na selecção de Santana



Olhando pela condição física. Não é descanso, não

Estoril. Olhos atentos, de gente interessada no futebol. «Estou a aprender muito, isto é uma maravilha, uma novidade, extraordinário!» — dizia a nosso lado alguém que se intitulava treinador, e que se não cansava de referir a «disciplina com que todos eles se movimentam».

Olhos apenas curiosos, outros, os da miudagem (e não só), álbuns de cromos preparados para os autógrafos, assistem a um treino todo ele virado para a preparação física. São flexões e mais flexões. Pernas que se

MARROCOS

Férias na Praia

Tanger 8 dias **11.500\$**

Agadir 8 dias **27.800\$**

Grande Tour de Marrocos

AUTOPULLMAN COM CONDICIONADO

3 dias **21.100\$**

Circuitos das Cidades Imperiais

8 a 9 dias **20.670\$**

Tanger e Sussubiana

PREÇO **24.000\$**

COMPARE OS NOSSOS PREÇOS

HORIZONTE

OPERADORES TURÍSTICOS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Regime prisional de excepção para militantes do PRP

Os presos do PRP, em Custóias, foram colocados em regime prisional «de excepção», isto segundo familiares e advogados, enquanto um segundo elemento entrava em greve de fome.

Assim, são permitidas visitas apenas, de familiares, — o que os militantes detidos recusam, como protesto — e condicionadas as entrevistas com os advogados, dizem as mesmas fontes. A correspondência estaria a ser «refeida e censurada» e impedidos todos os meios de contacto com o exterior. O endure-

cimento ter-se-á verificado logo no dia seguinte à rejeição da amnistia na Assembleia da República.

Entretanto, está a decorrer um inquérito sobre a entrevista dada por Isabel do Carmo e Carlos Antunes ao «Expresso», inquérito esse reforçado com as declarações de Amílcar Roma-

no ao «Jornal de Notícias». Isabel do Carmo foi ouvida durante longas horas, e, também, Carlos Antunes.

O segundo preso do PRP a entrar em greve de fome (é a quarta vez que utiliza esta forma de luta) foi João Silva Santos, que começou o seu jejum de protesto no primeiro dia do mês.

Com 28 anos de idade, natural de Teixoso (Covilhã), casado e com um filho, João Silva

Santos entrou para a JOC quando tinha apenas 15 anos. Foi activista do Sindicato dos Lanificios da Beira Baixa. Depois do 25 de Abril, foi um impulsor local do PCP, partido do qual seria afastado. Esteve ligado ao aparecimento dos SUV.

Julgado no Tribunal da Vila da Feira, em Março e Abril de 1980, foi condenado a uma pena de nove anos de prisão. Quando estava prestes a atingir a liberdade condicional, por ter já cumprido metade da pena, a

PJ entregou-lhe novo mandado de captura, passado pelo 5.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa.

A 22 de Maio, Amílcar Romano foi o primeiro militante preso do PRP a entrar em greve de fome, prevendo-se que, cada dez dias, outros lhe sigam o exemplo.

Recorde-se que os quatro objectivos da luta consistem na exigência de julgamento dos sete agentes da PJ do Porto acusados de sevícias, a anulação dos julgamentos do Tribunal da Boa Hora através da decisão imediata do recurso pendente na Comissão Constitucional, a amnistia dos presos condenados definitivamente e a anulação dos processos disciplinares aos trabalhadores da Comunicação Social, nomeadamente os jornalistas e técnicos da

RTP-2, com consequente reintegração nas suas funções.

Advogados reúnem

Entretanto, na passada terça-feira, 1 de Junho, à noite, respondendo a um apelo da CSPA, reuniram-se 12 advogados da cidade do Porto para discutir aspectos relacionados com este caso. A conclusão mais saliente é a decisão de elaborar um texto genérico sobre a morosidade, em termos jurídicos, de todo o processo, nomeadamente o recurso pendente na Comissão Constitucional que lá se encontra desde Agosto de 1981, portanto quase há um ano. O destino do relatório será, além da divulgação pública, o envio aos órgãos de soberania.

Amílcar Romano

O isolamento em que me colocaram será também uma razão de Estado?

«Nunca imaginei que tivessem coragem de me pregar a janela e de pintar os vidros, de forma a torná-los opacos. E o ar mal circula» — diz Amílcar Romano, no 11.º dia da sua greve de fome.

P. — Como interpreta as atitudes discriminatórias e repressivas do Governo AD em relação aos presos do PRP, desde a sua entrada em greve de fome?

R. — Desde o início da greve de fome foi fácil verificar que este Governo iria continuar a política de perseguição e de ódio já há muito demonstrada, e que atingiu um dos pontos máximos na chantagem exercida sobre os deputados para não deixar passar a lei da amnistia.

Penso que estas medidas de isolamento e tortura definem bem a estatura política dos actuais responsáveis. Não só em relação a nós, mas tanto no tocante à repressão de que todos os trabalhadores têm sido vítimas, quer nas fábricas quer nas ruas e a repressão aos jornalistas para os impedir de dar uma informação objectiva a todos os cidadãos portugueses. São sintomas dos tempos negros do fascismo.

O PRP tem sido e continua a ser um dos objectivos preferidos pelo poder e pelas polícias (PJ), para demonstrar os seus instintos, a sua «força».

Para esconder a sua verdadeira face legitima-se nas «razões de Estado».

Será que o isolamento e tortura são «razões de Estado»?

Será que com «razões de Estado» se legitima a ilegalidade?

Será que por «razões de Estado» se condena à morte (no silêncio de quatro paredes)?

Será que por «razões de Estado» se mataram trabalhadores no 1.º de Maio no Porto?

Será que por «razões de Estado» se reprime os jornalistas e todos os trabalhadores em geral?

Será que por «razões de Estado» se estimula a crise económica, a inflação, o desemprego, e se destroem as conquistas de Abril?

Por «razões de Estado» promoverão a fascização do regime! São as sus razões de Estado e de ódio.

P. — Como é que se sente em isolamento total e em greve de fome, depois de ter sido um dos elementos que no 25 de Abril esteve ao lado do MFA?

R. — Mesmo nesta situação, recordo a minha parti-

cipação no 25 de Abril ao lado do MFA e também toda a minha actividade de militar antes e depois do 25 de Abril, com grande alegria e satisfação. Neste momento e tal como muitos militares responsáveis por todo o processo, não deixo de dizer «os erros pagam-se caros e o inimigo não perdoo».

Em relação à greve de fome, tanto o passado como o presente, só me aumenta a determinação por levar esta luta até às últimas consequências.

Lutamos por reivindicações justas.

Lutamos contra a ilegalidade mais flagrante.

Lutamos contra os torturadores, a corrupção, a chantagem, e a repressão.

Aguardámos serenamente, um ano após o compromisso assumido por deputados com Carlos Antunes, pela apresentação de um novo projecto lei de amnistia. Neste momento é também pela nossa dignidade, que com a mesma serenidade decidimos não ceder a mais compromissos.

O isolamento de que estou a ser vítima é prova, para quem poderia ter alguma dúvida, de que temos razão e de que algo de anormal se passa. Pois ninguém acreditará que o isolamento é também uma «razão de Estado».

No entanto, nunca imagi-

nei que tivessem a coragem de me pregar a janela e de pintar os vidros, de forma a torná-los opacos. E o ar mal circula. São medidas dignas da PIDE e do fascismo. É o espelho das atitudes de certos ministros em que o ódio determina as suas decisões.

P. — O Amílcar Romano foi perseguido pela PJ desde 20 de Junho de 1978, dia em que foi lançada uma vasta operação contra o PRP. Como se deu a sua prisão em Dezembro de 1980?

R. — Já tava com a minha companheira no estrangeiro. Não era fácil para nós passar a quadra do Natal sem ver os nossos familiares. Como não era fácil também sentir os nossos camaradas na prisão, viemos para tomarmos conhecimento concreto da situação em que se encontravam os seus processos.

A nossa prisão não deixou de ser uma surpresa, quando estávamos prestes a sair do país novamente.

Já não foi surpresa o facto de ter sido imediatamente sujeito a torturas homicidas por um agente da PJ do Porto que foi posteriormente condecorado pelo ministro da Justiça. Este agente tinha sido um dos torturadores de outros camaradas em 1978. Será que se condecoram os torturadores por «razões de Estado»?

Escrever na água

Augusto Abelaira



Os deputados e a liberdade

Perguntava eu, já na parte final da minha última crónica, se estaria inscrito na nossa Constituição (falo da Constituição em vigor, não da futura) o princípio de que todos os cidadãos portugueses são livres, com uma única excepção, a dos deputados. E perguntava também se aos partidos era concedido o direito de privarem os seus representantes da liberdade, graças à disciplina de voto.

Não se pense que ao fazer tais perguntas eu adoptava uma posição radical. Compreendo que se Fulano de Tal aceita candidatar-se pelo Partido X, aceita obviamente o programa desse partido e não deve votar contra ele. Somente o que acontece é que uma coisa são os princípios gerais expostos nos programas e outra as coisas concretas que a realidade imprevisivelmente propõe e que, dentro desses princípios, admitem soluções várias. Soluções que dependem da consciência individual dos deputados, consciência que não podem nem devem esquecer. De contrário, seria mais económico para a nação eleger apenas as direcções dos partidos — se só elas decidem, se só elas têm o direito de impor as suas opiniões, se só elas conhecem as Tábuas da Lei.

Se no PSD somente Balsemão e mais meia dúzia decidem, para que servem os dispendiosos deputados restantes? Se no PS somente Mário Soares e mais meia dúzia decidem, para que servem os restantes dispendiosos deputados? Se no PC, se no CDS...

Não, a lei não foi estabelecida assim, a lei previu a existência dos tais outros deputados (são duzentos e cinquenta) e ao prevê-los admitiu implicitamente que não são livres e que a disciplina de voto em democracia tem limites, aplica-se aos grandes princípios, não aos factos imprevisíveis, susceptíveis de várias opiniões (desde que não contradigam esses grandes princípios). Por outras palavras: quando a direcção de um partido, ainda que maioritária, invoca a disciplina de voto em tais casos, ela procede antidemocraticamente e contribui para criar nos cidadãos a imagem deplorável de que os homens não devem usar a sua liberdade, de que ao aderirem a um partido se transformam pura e simplesmente em robots.

Alguns factos recentes, outros provavelmente futuros, indicam que o sistema partidário português está em risco, ameaçado por aqueles que deveriam defendê-lo. Ou a Assembleia da República será igual à Assembleia Nacional de triste memória com a única diferença de que actualmente os rebanhos são oito e não apenas um?

Para mim um rebanho ou oito rebanhos — tudo são rebanhos. Os portugueses não elegeram apenas oito partidos, elegeram também duzentos e cinquenta deputados, embora agrupados em torno de oito partidos, de oito ideais de sociedade. Duas coisas completamente diferentes penso.

P.S. — Retomo um velho discurso: vai a AD assumir a responsabilidade da morte dos membros do PRP? D. João II teve a coragem de ser ele próprio a matar por suas mãos o cunhado, mereceu portanto o meu respeito, embora não mereça o meu acordo. A senhora Thatcher, para descansar a sua consciência, pode argumentar que todas as semanas é abatido um soldado britânico nas ruas de Belfast, que, de qualquer modo, a IRA e o Reino Unido estão em guerra e que a guerra é guerra, mata quem pode. Mas que poderá alegar a AD em sua defesa? A sangrenta razão de Estado? Julga que ficará com as mãos puras só porque não foi ela a enserrar directamente o punhal?

FELIZ OU INFELIZ?

a opção é sua...

Ser feliz ou não pode ser uma questão de opção pessoal.

Durante 14 anos um eminente psicoterapeuta americano — Bill L. Little — observou o comportamento e as reacções dos seus pacientes, tendo constatado que existe um padrão de comportamento comum que necessariamente leva as pessoas a serem infelizes.

Documente-se pormenorizadamente sobre esta interessante problemática — e a melhor forma de não ser infeliz — lendo o artigo «Infelicidade é uma opção» no número de Junho das «Seleções do Reader's Digest».

ITALIA
 PARTIDAS DE JUNHO A SETEMBRO
Grande Circuito
 VISITANDO: ROMA-SIENA-FLORENÇA
 BOLONHA-VENEZA-MILÃO-ASSIS
 PREÇOS DESDE: **45800\$**
Circulo Sul de Itália
 VISITANDO: ROMA-CAPRI
 NÁPOLES-POMPEIA-SORRENTO
 PREÇOS DESDE: **41500\$**
Roma - CIDADE ETERNA
 PREÇOS DESDE: **35.700\$**
 CONDIÇÕES ESPECIAIS PGRUPOS
 COMPARE AS NOSSAS VIAGENS
 EM COLABORAÇÃO COM A **ITALIA**
VIAGENS RAWES
 OPERADORES TURÍSTICOS
 CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

FÉRIAS 82
BENELUX
PARIS
VALE DO RENO
 PREÇOS DESDE: **36.950\$00**
TRATAMOS DE PASSAPORTES
VIAGENS RAWES

FÉRIAS 82
LONDRES
 PREÇOS DESDE: **15.800\$00** 1 SEMANA
INGLATERRA
ESCÓCIA
 PREÇOS DESDE: **64.900\$00** 11 DIAS
TRATAMOS DE PASSAPORTES
VIAGENS RAWES

OPINIÃO

O "Estado" tem razões que a razão desconhece

Isabel do Carmo

Em nome de «razões de Estado» alguns notáveis deste país condenaram-nos à morte. E que «Estado»?

O Estado que aplicou sevícias sobre os presos, o Estado que nos manteve sem poder estar a sós com os advogados durante a instrução do processo? O Estado que forjou processos para colocar como «autores morais» dirigentes políticos que incomodam? O Estado que meteu uma mulher e uma criança de colo durante oito horas dentro duma «ramona» à chuva e ao frio, no Inverno de 79? O Estado que deixa a lei à entrada das cadeias? O Estado que coloca medalhas no peito dos torturadores?

Um García Marquez ou um Peter Weiss fariam deste Estado um espantalho, com face e contornos. Decerto algum escritor português há-de um dia construir o personagem.

Até lá, o Estado é uma entidade abstracta e metafísica, em nome da qual se praticam crimes.

De resto, as «razões de Estado» não são explicadas. Nos corredores das consciências, uma seta tem esse dístico e acabamos num «guichet» que indica a secção da repartição, da divisão, neste grande edifício das complicadas instituições do Poder. A partir dali o corredor não tem continuação.

Mas, perigosamente, há sempre alguém que encarna o «Estado». Desta vez quem clamou «o Estado sou eu» foi a dupla Balsemão-Pimentel. E viram-se forçados a colocar a

escolha: «ou eles (nós do PRP) ou nós», «ou eles ou o Estado»!

E com esta ameaça de demissão venceram a sua votaçãozinha...

O Estado tem razões que a honra não conhece

O que é dramático é que cento e nove pessoas, eleitas por esse país fora, à custa das fanfarras da propaganda e dos bens prometidos ao «povo português», votem assim, ligeira e irresponsavelmente, uma condenação à morte.

E que a votem, sem que uma só voz se levantasse para explicar porquê. Sem que uma só voz das cento e nove tivesse a hombridade de assumir as razões desta decisão.

Na bancada do grande circo romano vimo-los apenas baixar o polegar... Os deuses não têm que explicar as suas razões.

Pobres deuses. Pobre povo que os elegeu. Porque é desta massa, dos que têm «razões» sem razão, que se pode chegar aos incondicionais do totalitarismo. Não esqueçamos as «razões de Estado» invocadas por Hitler...

E que tortuosos caminhos da degenerescência política poderão levar a que homens que se diziam de honra assinasse um compromisso que também se dizia de honra, perante um outro homem em risco de vida, que nada lhes pediu, para depois o virem a trair?

Que complicadas e efémeras burocracias partidárias (dum partido de pouquíssima história) poderão justificar perante a História este crime?

Como é que depois disto se poderão chamar a outras obediências, «estalinismo»? A outras obediências, que embora traindo muitas vezes a razão, se constroem ao menos na base de questões afectivas enraizadas profundamente?

Porque as razões dos que baixaram o polegar não são afectivas, nem religiosas, nem têm nada a ver com os sentimentos. Elas só têm que ver com os pedaços que cabem a cada um na repartição do Poder.

E para tal, traficam-se «almas» e traficam-se corpos.

Confessamos que alguns desses traficantes de vidas nos espantaram! Dentro da tão caluniada esquerda revolucionária, um centésimo desta falta de honra daria para provocar um escândalo. Não estamos habituados a estes ambientes.

Somos pessoas de princípios.

Os que levantam a face e os que a baixam

Mas será que são estas mesmas «razões de Estado» que impediram até à data algumas dessas que se cizim de esquerda de serem solidárias conosco?

Porque a solidariedade não significa identificação política.

Pelo contrário, ela pode significar distância política, mas solidariedade no que diz respeito às ilegalidades e arbitrios cometidos. Ou será que são solidárias é com o Estado que as comete?

Há algumas higiénicas figuras de esquerda que ainda não levantaram a voz para dizer que é injusta a nossa situação. Também elas são traficantes. Também elas ambicionam repartir o Poder e os interesses do «povo português» nas mesas dos almoços políticos e entre uns copos de «whisky».

Por tudo isto, ainda é mais de valorizar a face voltada à luz e as honradas palavras de Natália Correia, Sousa Tavares e Helena Roseta. Que ninguém duvida que não têm nada a ver conosco. Ou têm?

Por isso é de louvar os que se solidarizaram depois publicamente e que até tinham facilidade em escusar-se — Lucas Pires e Pedro Roseta.

Tal como o indiscreto telefonema de Eanes para Natália Correia, saudando-a pelo seu gesto.

Mas será que um ministro, o embaixador, na OCDE, noventa e quatro deputados e o Presidente da República também não são Estado?

Ou este Poder está todo a partir-se...

Calúnias e mais calúnias

Soubemos depois as calúnias

que Menéres Pimentel fez ouvir pelos gabinetes, no seu esforço de levar até ao fim o seu ódio e a sua perseguição pessoal.

Teve a ousadia de dizer que um «médico amigo» lhe tinha dito que Carlos Antunes não tinha estado em risco de vida. Quem é este médico? Que provas apresenta contra os argumentos duma sumidade médica como Ducla Soares? O anonimato e o segredo dos gabinetes são a moral desta gente.

Como também teve a ousadia de dizer que nós dirigíamos de dentro da própria cadeia as «FP-25»! Depois de ser público e notório o que nos opõe às «FP-25». Depois do próprio Menéres Pimentel expor as diferenças, na célebre sessão da AR post-«insurreição» de 12 de Fevereiro. Depois de ser evidente que as «FP-25» actuaram contra nós!

Mas mais uma vez essa organização serviu para nos combater (não é, sr. ministro responsável por estas coisas da polícia e detentor dos segredos dos deuses?)...

Lá vem também a «Tarde» do dia 27 com a lista das acções das «FP-25» acompanhada das nossas fotografias. Sem palavras...

E quanto às nossas «ameaças», o mais engraçado é que um dos signatários da carta-compromisso com Carlos Antunes veio como deputado à cadeia perguntar-me o que é que eu pensava de homicídios... E ele saiu daqui muito descansado com a minha resposta. Para... não votar a lei.

Conclusão lógica: eu devia ter respondido ao contrário...

Mas realmente o nosso código é outro. Código moral e código de linguagem. As palavras do Português têm outros valores. E daqui para diante também não precisarei de intérprete — duma maneira ou de outra nunca mais terei dessas conversas.

E a trampolinice a nosso respeito continua. Em embrulhada conversa no programa das 19 às 20 h. da RDP-1 do dia 27, o dr. José Vitorino, justificando o seu partido, o PSD, fala mais uma vez a respeito do PRP em «mortes» e diz que esteve a descerrar uma lápide evocativa dum GNR morto. Que mortes são estas? De que GNR se trata? Mas não pode deixar de ser vigarice política falar de tal, quando se sabe que nenhum de nós tem acusação de homicídio e sobretudo que a lei excluiu homicídios!

Real tratamento de presos políticos

Para culminar este processo, mal a lei foi derrotada na AR, a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais punha-nos a ferro e fogo. O primeiro grevista ficou em isolamento total, o regime celular dos outros presos do PRP mudou radicalmente, as visitas ficaram restringidas aos familiares directos (pais, irmãos e filhos), os telefonemas para advogados e família passaram a ser totalmente proibidos, a correspondência recebida e expedida passou a ser censurada e retida, a professora do sector feminino foi proibida de entrar nesse sector, as pressas do PRP foram impedi-



das de trocar palavras com a assistente do sector feminino, aos advogados foi exigida procuração mesmo na primeira visita e chegou a ser exigido «mandato do Tribunal». Todos os guardas são revistados à saída rigorosamente... Todas as determinações que acabo de enunciar contrariam frontalmente a lei.

Mas que é isso da lei? Eles riem-se dela!

A verdade é que, primeiro, telefonou o director-geral e, depois, veio o subdirector-geral em pessoa colocar estas disposições. Mas nunca as passou por escrito, apesar de os funcionários o exigirem. Mais: foi tacitamente exigido ao director de Custódias (e ele aceitou-o...) que não dissesse que era a Direcção-Geral a tomar estas disposições. Mas que o melhor era não fazer declaração nenhuma... Nem aos presos, nem a ninguém.

Não sabemos se estas medidas disciplinares são por castigo da greve da fome do Romano, se por castigo de a lei ter sido derrotada...

«Eles» também não percebem os revolucionários

Mas não há dúvida que são transparentes os seus intentos. Esmagar-nos, vencer-nos pela força. Torturar o(s) grevista(s). E isolar-nos do mundo exterior.

O pior é que o relato da situação, as nossas declarações, começaram a aparecer nos jornais...

Eles não percebem uma coisa: é que mesmo nos tempos mais negros do fascismo, as mensagens chegavam cá fora... A imprensa clandestina publicava-as por vezes.

A grande diferença é que na altura existia censura prévia. E agora, malgrado as propostas da Secretaria de Estado da Família, ainda não há...

O PRP é, pois, notícia. E tanto quanto os profissionais da comunicação social na sua maioria não se têm deixado esmagar, nem subverter.

Sério percalço este de não haver censura... E de ela não poder ser decretada com um telefonema do Ministério da Justiça ou da Presidência do Conselho... E que até à data «o toque nos jornais» não toque os jornalistas... É que assim morremos, mas morremos com estrondo.

Decretem uma nova censura, acabem com o direito a reunião e a manifestação. E nesse caso, a nossa luta será realmente muito dificultada...

Mas em qualquer circunstância há algo de muito importante que nos faz mover: nós temos razão.

O PUURO SABOR DO CAFE' DELTA

MANUEL RUI AZINHAIS NABEIRO, LDA.

LISBOA Av. Infante D. Henrique, 151 A 1900 LISBOA TELEFONES: 38 10 46 / 38 19 99	COIMBRA Nogueiras, Loja 46 3000 COIMBRA TELEFONE: 767 32	FARO Sítio dos Virgílios 8000 FARO TELEFONE: 285 20	PORTO Estrada Exterior da Circunvalação, 6564 Areosa 4435 RIO TINTO TELEFONES: 90 41 74 - 90 43 22	CAMPO MAIOR Av. Calouste Gulbenkian 7370 CAMPO MAIOR TELEFONES: 685 41 - 684 62
--------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------